

Saiu na Imprensa

O mundo desenhado por quem não pode ver

A dupla Maurício Dias e Walter Riedweg surpreende e comove com trabalho sobre a cegueira na Bienal de SP. Maurício Dias e Walter Riedweg entraram pela primeira vez na mais famosa escola para cegos do Brasil seguindo um estímulo da visão: a beleza do prédio do Instituto Benjamin Constant, na Urca, fez com que a dupla de artistas plásticos subisse as escadas suntuosas e surpreendesse os estudantes no meio de um ensaio para a festa junina. Três meses depois, eles já tinham o material bruto para “Belo é também aquilo que não foi visto”, um dos trabalhos mais surpreendentes e tocantes da 24ª Bienal de São Paulo.

A instalação se distingue da infinidade de trabalhos no pavilhão do Ibirapuera por dar rosto e voz a quem geralmente não merece distinção. Criar uma identidade para os anônimos se transformou numa marca registrada do trabalho dos artistas, que já tinham feito sucesso na Bienal passada com o vídeo “os Raimundos, os Severinos e os Franciscos” – sobre os porteiros nordestinos que trabalham na Paulicéia – e agora emocionam não só com a sala no Ibirapuera, mas também com a intervenção urbana feita no camelódromo do largo da Concórdia, no Brás, dentro do projeto Arte/Cidade.

“Belo é também aquilo que não se vê” integra o projeto da “12ª Cidade”, espaço utópico e imaginário proposto a um elenco de artistas pela curadoria. Walter e Maurício surpreendem por fugir dos recursos óbvios que fazem alusão à urbanidade. Em vez de construir cidades de brinquedo ou espaços semivirtuais feitos de acrílico, eles tentam dar forma à metrópole imaginada por quem nunca pôde enxergar.

A dupla realizou laboratórios sensoriais com entrevistados. Quando o espectador entra na sala, se depara com a réplica de uma mapoteca centenária usada por Benjamin Constant para ensinar geografia aos cegos. Nas gavetas, o público pode manusear placas de ferro em relevo representando rios e montanhas e assistir a um vídeo em que cegos tentam “desenhar” o mundo com palavras, a partir de estímulos olfativos, auditivos ou táteis.

– Nestes laboratórios sensoriais, fazíamos perguntas subjetivas depois de estimulá-los a cheirar recipientes com erva-doce, chocolate e até produtos de limpeza – conta Maurício. – O cego faz desenhos mentais a partir da memória e da imaginação. Vivemos num mundo que é praticamente uma ditadura da visão, porque praticamente tudo é codificado a partir da imagem. Vimos que, se o cego não é um ser inferior, também não é o paranormal ultra-sensível que algumas pessoas pensam. Apenas aguça os outros sentidos para perceber e definir o mundo.

– Nas entrevistas com 15 alunos do Instituto, surgem definições curiosas, como a de “espelho”: “O espelho é o outro, porque sempre precisamos dele para saber como estamos”, diz um dos entrevistados. A instalação se completa com vídeos

onde o espectador pode se ver numa espécie de “espelho retardado” – uma câmera exhibe os movimentos de quem entra na sala com um intervalo de 20 segundos – e assiste à jovem Sirlene nas escadarias da Biblioteca Nacional lendo trechos de livros de Borges e Homero, dois escritores cegos, codificados em Braille.